Casos & .Causos

Por Nestor Leme

O Contador de Causos

Cornélio Pires em registro histórico ao lado de violeiros: ícone da cultura caipira, foi responsável por levar os sons e os histórios do interior paulista para os discos e os palcos do Brasil | *Arquivo*

Se hoje alguém mencionar o nome de Cornélio Pires nas rodas de prosa que acontecem por aí, com certeza vai ser chamado de velho, pois este famoso contador de causos faleceu em 1958. E quem foi esse personagem? Cornélio Pires nasceu em Tietê, estado de São Paulo, no ano de 1884 e, quando moço, foi morar na capital paulista, onde pensava estudar farmácia. Mas mudou de ideia e foi trabalhar no jornal O Estado de S. Paulo, onde virou escritor sobre o folclore interiorano e contador de causos.

Foi ele quem, em 1928, gravou o primeiro disco com música caipira da história fonográfica desse estilo musical. E por que usei o histórico dele para abrir este artigo? Porque conheci o Cornélio em 1951, numa noite em que ele se apresentou ao povo serrano, num show acompanhado de um ventríloquo, sobre a carroceria de um caminhão estacionado em frente aonde hoje funciona a Padaria Serrana.

O show começou com o ventríloquo se apresentando com seus bonecos e terminou com o Cornélio contando causos para a plateia que lotava a Praça João Zelante — no gogó, pois eles não usavam microfones. Eu estava na primeira fila e lembro muito bem de ouvi-lo dizer ser ele um homem de sorte, pois as coisas engraçadas sempre aconteciam quando ele estava por perto, daí os causos que ele contava.

Cresci com aquela afirmação na cabeça e, quando comecei a contar o que tinha vivido e visto, descobri que tive a mesma sorte que ele, pois a maioria das histórias que conto — ou escrevo — tem final engraçado. E a minha história como escritor e contador de causos começou num tempo em que, todos os sábados, tinha reunião no bar anexo à venda do Pescuma, onde ficávamos horas tomando uns goles e rindo com os causos contados e acontecidos por lá.

Em nossa companhia, sempre estava o jornalista Eduardo Enfeld, que foi meu incentivador a começar a escrever causos para serem publicados no jornal. Seguí o conselho dele e, hoje, mais de vinte anos depois desses acontecimentos, tenho setecentos e tantos artigos publicados. Comecei escrevendo causos, mas com o tempo também escrevi artigos sobre a história serrana, sempre procurando colocar passagens engraçadas — até mesmo na história da nossa terra.

Gosto de história, mas gosto mesmo é dos causos, porque neles, diferente da realidade — onde as pessoas querem enfiar familiares na história, mesmo que só tenham assistido ao sucedido — nos causos, a maioria dos personagens são pessoas simples, que, na verdade, nem perceberam o fato, pois aquilo não foi planejado, apenas aconteceu. Mais ou menos como este que escrevi para esta edição do nosso jornal, que foi assim:

Num sábado, estávamos reunidos na venda do Pescuma, e também estava presente Vicente Marruco, conhecido personagem do Bairro da Serra. Este, vendo um conhecido passando em frente ao local, o chamou para dentro:

— Ô Chico Surdo, vem tomar uma com nóis!

O Chico com certeza não gostava de ser chamado de surdo, pois, próximo do Marruco, perguntou:

— Do que foi mesmo que você me chamou?

— Chico Surdo — murmurou o Marruco.

— Do quê? — perguntou o recém-chegado, que, por ser surdo, não tinha entendido o murmúrio do outro.

Entrei na conversa de gaiato e disse em voz alta:

— Foi de Chico Surdo!

É claro que sobrou para mim, pois imediatamente o Chico, bravo, assim falou:

— Eu nem te conheço pra você me chamar de Surdo!

E em seguida proferiu um xingamento e, para minha sorte, saiu furioso do local, enquanto o resto da turma caía na risada com o apuro que passei...

AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Na ponta do lápis e no fundo do bolso

O brasileiro tem fama de não saber fazer conta. Eu discordo, pois o que brasileiro mais sabe fazer é contar boletos e dívidas, principalmente as atrasadas. Somos todos craques em matemática da sobrevivência. Dividimos os salários em muitas parcelas invisíveis, multiplicamos esperança nos carnês de pagamentos financiados, subtraímos as nossas diversões e, quem sabe, sobra algum para o pastel da Sonia. Isso sim é que é saber fazer conta, o resto é brincadeira.

Mas quando você resolve fazer as contas de verdade, meu amigo... dá vontade de sentar na calçada e chorar. Não tem Bolsa Família, nem gás, nem filhos que dê jeito. Se você quiser fazer um pouquinho mais, comprar um carrinho, fazer uma viagenzinha, ou ter uma casinha, não tem salário que dê conta de todos os pagamentos.

Se um trabalhador ganha um salário-mínimo, você acha que ele recebe tudo, não é? Mas, não. Ele já ganha uma mordida do INSS logo de cara. Aí, o cidadão vai ao supermercado comprar pão, leite e dignidade; tudo com ICMS, PIS, COFINS embutido. Você compra um sabonete e paga uma parte da reforma do banheiro do Congresso sem nem perceber. Se você aluga um cantinho, tem IPTU. Tem carro? IPVA. Liga a luz? ICMS de novo. Liga a água? Taxa disso, taxa daquilo. Tem celular? Outras contribuições dos meios de comunicação. Vai abastecer? Quase metade do preço da gasolina é imposto. Sindicatos! Isso sem falar nos juros. Ah, os juros, parecem que crescem sozinhos nas faturas dos cartões e nos pequenos ou grandes financiamentos.

E vocês acham que tem para quem reclamar? Não, não adianta, pois o pessoal lá em Brasília está sempre gestando um novo imposto. Na verdade, acho que eles já têm nas gavetas diversos guardadinhos, só esperando a hora de colocá-las no mercado. E pedágios, então? Estão nascendo feito erva daninha. Aí, no fim do mês, quando olhar o extrato bancário, parece mágica, o dinheiro desapareceu, isso se não tiver um sinal negativo na frente e aí, mais juros. Quando ficamos endividados pensamos que é nossa culpa, que não sabemos gerir bem nosso dinheiro. Mas, na verdade, a culpa é sempre do país que cobra mais do que podemos pagar. E nós, acabamos sorrindo mesmo assim. Nós, brasileiros, somos, mesmo, assim: sorrimos quando deviamos chorar e continuamos sempre jogando esse jogo de viver endividado, colocando tudo na ponta do lápis e procurando sempre um tostão no fundo do bolso.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

A incrível experiência de ouvir imagens

Em recente crônica, divaguei sobre a velha máxima de que "uma imagem vale mais que mil palavras". Confesso que, desde então, essa pulga ficou atrás da orelha, especialmente agora, diante de um novo desafio cultural em terras serranas.

Graças à magnanimidade orçamentária da Lei Aldir Blanc - que, na minha imaginação mais otimista, equivaleria a um sanduíche caprichado e um refrigerante gelado (recursos esses que, diga-se de passagem, ainda residem no etéreo das promessas) - assumi a nobre missão de agitar o cenário cultural de Serra Negra com uma série de atividades gratuitas para o público!

Falamos de exposições que saltam aos olhos (enquanto eu tiver tinta e tela!), exibições do nossos festejados filmes sobre Cid Serra Negra e Sereia Iara, pesquisas acadêmicas que farão as mentes borbulharem, músicas inéditas dedicadas à nossa cidade, uma peça teatral que desvendará os mistérios serranos, um livro que ecoará a vida e a obra de um mestre (em triplo formato, para incluir a todos!), e, não menos importante, um curso para desvendar os segredos da AD - Audiodescrição. Ufa! A lista é extensa, quase tanto quanto a fila da padaria no domingo de manhã!

E foi justamente ao me debruçar sobre a versão em áudio do livro sobre o genial pintor Cid que a questão da imagem versus palavra ganhou contornos épicos. Cheguei ao monumental capítulo dedicado ao seu "Catálogo Raisonné", uma joia rara com imagens de quase uma centena de suas criações artísticas. A tarefa de descrever cada pincelada, cada cor, cada forma já exigiria uma dedicação de monge tibetano. Mas, movido por uma inquietação que me impede de dormir em paz (e talvez pela falta do tal sanduíche!), decidi ir além.

Eis que surge, senhoras e senhores, o primeiro e único "Catálogo Raisonné" com audiodescrição do planeta! Uma ousadia voltada para os milhões de brasileiros com deficiência visual que, muitas vezes, são privados da experiência estética que a arte proporciona. Imaginei cada obra ganhando voz, cada detalhe sendo tecido em palavras para alcançar ouvidos e mentes sedentas por beleza. Essa jornada me apresentou a ferramentas fascinantes, como o formato Daisy, um padrão de livro digital acessível que conversa intimamente com equipamentos especiais para leitores com deficiência visual.

Mas, querendo democratizar ainda mais essa experiência, criei um portal digital (aventure-se a apontar a câmera do seu celular para o QR Code da ilustração) que abriga o livro completo em texto, as imagens originais e, claro, a versão em áudio turbinada com a audiodescrição do catálogo de obras! Convido vocês, caros leitores, a embarcarem nessa experiência sensorial! E, para que essa semente da acessibilidade germine em nossa Serra Negra, abri as portas de um curso GRATUITO de audiodescrição para todos os curiosos e interessados em desvendar essa arte de traduzir o visual em verbal. Os detalhes, como não poderia deixar de ser, repousam no mesmo endereço virtual que guarda a alma falante das pinturas do Cid.

Volto, então, à pergunta que me assola desde a crônica anterior: se uma imagem vale mais que mil palavras, quantas palavras foram necessárias para descrever a riqueza de quase uma centena de obras de arte? Uma empreitada que, se dependesse do meu "robusto" orçamento sanduíche-refrigerante, certamente permaneceria... muda.

Ouvir Imagens | *Henrique Vieira Filho*

Por Henrique Vieira Filho

A incrível experiência de ouvir imagens

Em recente crônica, divaguei sobre a velha máxima de que "uma imagem vale mais que mil palavras". Confesso que, desde então, essa pulga ficou atrás da orelha, especialmente agora, diante de um novo desafio cultural em terras serranas.

Graças à magnanimidade orçamentária da Lei Aldir Blanc - que, na minha imaginação mais otimista, equivaleria a um sanduíche caprichado e um refrigerante gelado (recursos esses que, diga-se de passagem, ainda residem no etéreo das promessas) - assumi a nobre missão de agitar o cenário cultural de Serra Negra com uma série de atividades gratuitas para o público!

Falamos de exposições que saltam aos olhos (enquanto eu tiver tinta e tela!), exibições do nossos festejados filmes sobre Cid Serra Negra e Sereia Iara, pesquisas acadêmicas que farão as mentes borbulharem, músicas inéditas dedicadas à nossa cidade, uma peça teatral que desvendará os mistérios serranos, um livro que ecoará a vida e a obra de um mestre (em triplo formato, para incluir a todos!), e, não menos importante, um curso para desvendar os segredos da AD - Audiodescrição. Ufa! A lista é extensa, quase tanto quanto a fila da padaria no domingo de manhã!

E foi justamente ao me debruçar sobre a versão em áudio do livro sobre o genial pintor Cid que a questão da imagem versus palavra ganhou contornos épicos. Cheguei ao monumental capítulo dedicado ao seu "Catálogo Raisonné", uma joia rara com imagens de quase uma centena de suas criações artísticas. A tarefa de descrever cada pincelada, cada cor, cada forma já exigiria uma dedicação de monge tibetano. Mas, movido por uma inquietação que me impede de dormir em paz (e talvez pela falta do tal sanduíche!), decidi ir além.

Eis que surge, senhoras e senhores, o primeiro e único "Catálogo Raisonné" com audiodescrição do planeta! Uma ousadia voltada para os milhões de brasileiros com deficiência visual que, muitas vezes, são privados da experiência estética que a arte proporciona. Imaginei cada obra ganhando voz, cada detalhe sendo tecido em palavras para alcançar ouvidos e mentes sedentas por beleza. Essa jornada me apresentou a ferramentas fascinantes, como o formato Daisy, um padrão de livro digital acessível que conversa intimamente com equipamentos especiais para leitores com deficiência visual.

Mas, querendo democratizar ainda mais essa experiência, criei um portal digital (aventure-se a apontar a câmera do seu celular para o QR Code da ilustração) que abriga o livro completo em texto, as imagens originais e, claro, a versão em áudio turbinada com a audiodescrição do catálogo de obras! Convido vocês, caros leitores, a embarcarem nessa experiência sensorial! E, para que essa semente da acessibilidade germine em nossa Serra Negra, abri as portas de um curso GRATUITO de audiodescrição para todos os curiosos e interessados em desvendar essa arte de traduzir o visual em verbal. Os detalhes, como não poderia deixar de ser, repousam no mesmo endereço virtual que guarda a alma falante das pinturas do Cid.

Volto, então, à pergunta que me assola desde a crônica anterior: se uma imagem vale mais que mil palavras, quantas palavras foram necessárias para descrever a riqueza de quase uma centena de obras de arte? Uma empreitada que, se dependesse do meu "robusto" orçamento sanduíche-refrigerante, certamente permaneceria... muda.

Ouvir Imagens | *Henrique Vieira Filho*